

A PERSUASÃO NOS POEMAS RELIGIOSOS DE GREGÓRIO DE MATOS

O honesto é pobre, o ocioso triunfa, o incompetente manda. (Gregório de Matos)

Thamara Galdino Macedo

UEMS/NA

Cláudia Sabbag Ozawa Galindo

UEMS/NA

Resumo: O interesse pela expressão verbal surgiu entre os gregos denominando-se retórica, Aristóteles filósofo que em suas pesquisas começa a introduzir a linguagem como ciência, dividiu o discurso em quatro partes: o exórdio, a narração, provas e peroração. A primeira parte é, na verdade, uma introdução ao que se vai dizer no discurso, de maneira a conquistar a fidelidade do ouvinte. Segue-se a narração, isto é, a argumentação propriamente dita, na qual deve-se apresentar a ideia que se pretende difundir, ou um fato segundo os interesses do orador, a fim de lhe atribuir importância. A terceira parte, as provas, é composta dos elementos que darão sustentação à argumentação sendo, como ensina o autor, a fase do discurso jurídico mais importante. Por último, a peroração, que concluiria o raciocínio do discurso, de maneira a reforçar as ideias nele defendidas. O problema não era apenas falar, mas fazê-lo de modo convincente e elegante, unindo arte e espírito, bem ao gosto da cultura clássica. Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Este trabalho possui como tema abordado, a questão da persuasão, Gregório de Matos poeta do séc. XVII que com sua sábia, envolvente e ousada crítica, é possuidor de uma ampla obra que abrange a sátira, o lírico, lírica-filosófica e sacra, esta última é o objeto de análise desse trabalho monográfico, em particular o carácter persuasivo presente em seus poemas religiosos.

Palavras chaves: Literatura, Gregório de Matos, persuasão.

Abstract: The interest by the verbal expression came up with the Greeks naming up rhetoric. The philosopher Aristotle begins to introduce the language as science in his researches, he divided the speech in four parts: the exordium, narration, evidence and peroration. The first piece is actually an introduction to what is going to say in the speech, in order to win the loyalty of the listener. It follows the narrative, the argument itself, which should present the idea that if you want to broadcast or indeed in the interests of the speaker in order to give it importance. The third part, the evidence consists of the elements that will support the argument being, as taught by the author, the phase of the most important legal discourse. Finally, the peroration would conclude that the reasoning of the speech in order to reinforce the ideas defended him. The problem wasn't just talk, but do so convincingly and elegant, combining art and spirit and the taste of classical culture. Persuade, above all, is synonymous to submit, then shed their authoritarian. This work has as theme discussed the question of conviction that there is in the Gregório de Matos' religious sonnet. This poet of the XVII century with your wise, engaging and bold critique is owner of a big work that includes satire, lyrical, lyrical-philosophical and sacred, this least is the object of analysis of this monograph, particularly the persuasiveness form in these poems.

Key words: literature, Gregório de Matos, conviction.

Introdução

A linguagem vista como ciência surge com Aristóteles e Platão, que passam a analisar a forma expressa nas praças publicas, a maneira com que buscava-se inflamar multidões, alterar pontos de vistas, mudar conceitos pré-formados, ficando conhecida como a retórica.

A linguagem passa a ser estudada então não enquanto língua, mas como discurso e este então é dividido em quatro partes para melhor compreensão e análise, sendo elas o exórdio, a narração, as provas e a peroração, a primeira parte apresenta a idéia que se difundida no decorrer do texto, a narração que é a argumentação, as provas que comprovam a argumentação e a peroração que conclui, fechando o discurso.

Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada ideia. É aquele irônico conselho que está embutido na própria etimologia da palavra: per + suadere= aconselhar.

A ideologia dá à palavra no contexto situado ideias e valores que refletem uma realidade que está convertida em signo, e isso é um elemento essencial do discurso persuasivo, assim cumprindo o seu objetivo, que é demonstrar a sua posição como sendo a única e correta a ser compartilhada pelo receptor.

Esta pesquisa tem por objetivo fazer uma análise de cinco poemas, sendo estes do autor, Gregório de Matos da escola literária Barroco. Mas antes de fazer uma análise, é necessário compreender um pouco sobre o contexto histórico que estão inseridos tais poemas.

O período em questão o Barroco, foi uma tentativa de conciliação entre o teocentrismo e o antropocentrismo, que desde a Idade Média, o pensamento cristão era baseado na crença em um só Deus, senhor de todo universo, pois acreditavam que, quanto mais ajudava a igreja, mas seu lugar estava garantido no céu, dessa forma a partir do século XIV, o teocentrismo foi substituído por uma nova visão de mundo, o antropocentrismo, isto é, o homem como o centro das indagações e preocupações.

Sendo assim o Barroco, busca conciliar valores religiosos às novas idéias do antropocentrismo, o que resultou em um contraste como, céu/terra, humano/divino, claro/escuro, era como viver voltado para a terra,

o corpo, as paixões deste mundo, mas também viver voltado para o céu, à busca da salvação da alma e a necessidade de Deus, como única saída.

Para obter esse contraste dito acima, os autores desse período, em especial Gregório de Matos, tem em suas obras o uso freqüente de figuras de linguagem e pensamento como, o paradoxo, antítese, hipérbole, metáfora, metonímia, ironia, dentre outras. Além do cultismo, que caracteriza pelo jogo de palavras e o conceptismo, pelo jogo de idéias.

Nos poemas religiosos de Gregório de Matos, têm-se o anseio pelo perdão e o sentimento de culpa latente, serão analisadas nessa pesquisa as figuras de linguagem utilizadas para tal resultado, e em especial a persuasão contida em tais poemas, que faz de Gregório de Matos o maior representante do Barroco.

Para melhor compreensão o trabalho foi dividido em três capítulos, o primeiro onde se busca o conceito que melhor define a literatura e sua composição, onde surgiu a necessidade de estudar o discurso, a retórica, as partes do discurso, e por fim percurso persuasivo. O segundo relata o período rico em uso de figuras de linguagem, o barroco, tendo também um breve relato de vida de obra de Gregório de Matos. E por fim o capítulo três onde é feita a análise da persuasão contida em cinco poemas religiosos de Gregório de Matos.

Norteou a elaboração deste trabalho uma abordagem metodológica fundamentada em uma revisão bibliográfica teórica relativa à Literatura e suas principais especificidades discursivas, além de informações pertinentes à obra do autor em destaque.

Contribuíram, portanto, para embasamento teórico deste trabalho os estudos de Adilson Citelli em sua obra *Linguagem e Persuasão*, Roberto Acizelo com sua obra *A Criação Literária: a poesia*, Diana Luz Pessoa de Barros com *A Teoria Semiótica* entres outros que foram utilizados como base, para a pesquisa realizada.

Do Que É Feita A Literatura

A palavra “literatura” vem do latim *litteraturam* (m), derivada de *littera*, a e que significa o ensino das primeiras letras. Mas seu significado, com o tempo, passou a ser arte das belas letras, ou arte literária.

Desde a Antiguidade, com Aristóteles e Platão, se tem buscado definir o conceito de Literatura. O pensamento aristotélico era o de que a Literatura é imitação (“mimese”) da realidade (MOISÉS, 1967,p.25). Nesse pensamento, a imitação não é como cópia, mas como uma recriação, o poeta cria um mundo à imagem e semelhança do mundo moderno, com pessoas, sentimentos e lugares como se fossem reais, esse conceito predominou até o século XVII.

O conceito sucessor é espiritualista e cristão, o de Charles Du Bois: a Literatura conecta-se com a Alma, a Luz, a Beleza, “é o pensamento acendendo à beleza na luz”(MOISÉS, 1967, p.26); já para Raul Castagnino, “a arte literária caracteriza-se por um sinfronismo, por sua função lúdica, por ser evasão, por ser compromisso, por traduzir ânsia de imortalidade” (MOISÉS, 1967, p.27).

Segundo Fidelino de Figueredo (MOISÉS, 1967, p.27), “arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação duma supra-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista”, ou seja, um conceito moderno, porém ambíguo em duas palavras, a intuição e supra-realidade, pois o espírito intuitivo não é exclusividade do autor e o mundo ficcional caminha ao lado da realidade e não acima, o que implica não aceitá-la como uma evidência acerca de quê nada cabe dizer.

De acordo com Roberto Acízelo de Souza (TAVARES, 2002, p.32), já na era moderna, a literatura passa a ser vista como um “conjunto da produção escrita” e a Literatura oral, nesse contexto, é vista como folclore, pelo fato de não se ter um objeto para apreciação. A literatura, por este ângulo, é palpável, digna de contato; já a literatura oral, devido a sua fragilidade por não ser transcrita, perderia muito de sua “materialidade”, não havendo assim a possibilidade de uma apreciação melhor.

De modo geral, literatura “no mais amplo, é toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio da palavra”. Daí a célebre definição de De Bonald quando a chamou de “expressão da sociedade” (TAVARES, 2002, p.32). Neste sentido, a Literatura é produto da sociedade e desde as mais antigas civilizações já se encontram manifestações literárias, sejam elas orais ou escritas.

Finalmente, para Afrânio Coutinho(1995), a literatura é a vida, a parte da vida, não havendo conflito entre uma e outra então através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades, comuns a todos os homens e lugares, porque são verdades de uma mesma condição humana.

A arte, neste sentido, é um dos meios utilizados pelo homem para conhecer a realidade, e a linguagem literária é a concretização de uma arte. E, como tal, serve-se de uma linguagem específica, que exige também do artista da palavra e de seu receptor uma comunhão de saberes comuns.

A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele emoções profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, copartícipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum. (PROENÇA FILHO, 1995, p.7-8)

A complexidade, assim, é marca do discurso literário, pois exige do ouvinte/leitor um nível além do que se encontra no discurso cotidiano, pois as informações nele contidas são reveladas após um real mergulho em cada palavra, pois não existe discurso inocente, sempre há algo que ultrapasse a primeira compreensão da leitura mais superficial.

A singularidade do fazer literário se dá por fatores como a plurissignificação, meio pelo qual o artista literário trabalha a palavra indo além do seu significado básico, de forma a selecionar e combinar as palavras

para enriquecimento do texto. A linguagem literária é conotativa, pois é do arranjo feito com as palavras que surge o sentido múltiplo que caracteriza o texto literário. Segundo José Guilherme Merquior, o segredo do valor poético de um texto reside nas conotações, ou seja, com o que há por trás da significação natural da palavra.

A universalidade, isto é, o caráter universal contido na literatura também é um fator de extrema importância e que difere claramente um texto literário de um texto não literário.

Por fim, a liberdade na criação é que realmente comanda a criatividade do artista, não existem regras nem normas para a literatura, o que existe é a capacidade de manipulação dos recursos que lhe permitem trabalhar com as palavras de um modo que expresse sua arte, alcançando demonstrar ao leitor/ouvinte a sua posição em relação a algo, seus valores, sua ideologia, através do uso de elementos que lhe permitam transmitir sua mensagem e buscar a comunhão de seu receptor.

Buscando a “comunhão” do leitor

A preocupação com o domínio da expressão verbal nasceu entre os gregos, com o que ficou conhecida como “retórica”. Daí toda tradição dos tribunos, dos sofistas, que iam às praças públicas, aos tribunais, aos foros, intentando inflamar multidões, alterar pontos de vistas, mudar conceitos pré-formados.

Para Aristóteles, grande filósofo grego, que, com seu trabalho, começa a instituir a linguagem como ciência, a retórica não deveria se preocupar com a ética, mas sim com a descoberta daqueles elementos que permitiriam a um orador revestir seu discurso de persuasão. Para tanto, ele apresentou um esquema segundo o qual o texto deve ser dividido em quatro partes seqüenciais e integrado: exórdio, narração, provas e peroração.

A primeira parte é, na verdade, uma introdução ao que se vai dizer no discurso, de maneira a conquistar a fidelidade do ouvinte. Segue-se a narração, isto é, a argumentação propriamente dita, na qual

deve-se apresentar a ideia que se pretende difundir, ou um fato segundo os interesses do orador, a fim de lhe atribuir importância. A terceira parte, as provas, é composta dos elementos que darão sustentação à argumentação sendo, como ensina o autor, a fase do discurso jurídico mais importante. Por último, a peroração, que concluiria o raciocínio do discurso, de maneira a reforçar as ideias nele defendidas.

No terceiro capítulo de sua obra *Arte retórica*, Aristóteles faz uma discussão sobre signo e persuasão. Após tratar dos conceitos de significante e significado, sendo aquele o material e este o aspecto conceitual do signo, é feita uma análise sobre a questão ideológica dos signos.

O problema não era apenas falar, mas fazê-lo de modo convincente e elegante, unindo arte e espírito, bem ao gosto da cultura clássica. A disciplina responsável por buscar essa harmonia era, assim, a retórica. Demóstenes, Quintiliano, Górgias foram alguns nomes que se destacaram pela habilidade argumentativa. Segundo Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov (CITELLI, 1995, p.8), “o aparecimento da retórica como disciplina específica é o primeiro testemunho, na tradição ocidental, duma reflexão sobre a linguagem. Começa-se a estudar a linguagem não enquanto língua, mas enquanto discurso”.

Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada ideia. É aquele irônico conselho que está embutido na própria etimologia da palavra: *per* + *suadere*= aconselhar.

O discurso persuasivo leva a quatro tipos de raciocínio, são eles o apodíteco, que possui o tom de verdade inquestionável; o implícito, que pelo caráter imperativo do verbo, o torna indiscutível, sem margem para interpretações; o dialético, que através de hipóteses simuladas no texto indicam uma conclusão; e o retórico, que se caracteriza por um grande envolvimento junto à mente e ao coração do receptor, assim como um conselho materno.

A ideologia dá à palavra no contexto situado ideias e valores que refletem uma realidade que está convertida em signo, e isso é um elemento essencial do discurso persuasivo, assim cumprindo o seu objetivo, que é demonstrar a sua posição como sendo a única e correta a ser compartilhada pelo receptor.

Segundo Citelli (1995, p.6), “o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo”, isto é, o autor afirma que raras são as expressões de linguagem que são desprendidas de interesse persuasivo. Assim, segundo ele, a comunicação quase sempre será permeada, estando os interlocutores conscientes ou não, da persuasão. É possível que o persuasor não esteja trabalhando com uma verdade, mas tão somente com algo que se aproxime de uma certa verossimilhança ou simplesmente a esteja manuseando. No entanto, persuadir não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor.

Para se verificar a construção do discurso persuasivo, é necessário reconhecer a organização e a natureza dos signos linguísticos. Afinal, é da inter-relação dos signos que se produz a frase, o período, o texto.

Segundo Ferdinand Saussure (CITELLI, 1995, p.23), todo signo possui dupla face: o significante e o significado. O significante é o aspecto concreto do signo, é a sua realidade material, ou imagem acústica. O que constitui o significante é o conjunto sonoro, fônico, que torna o signo audível ou legível. O significado é o aspecto imaterial, conceitual do signo e que nos remete à determinada representação mental evocada pelo significante.

O signo é sempre arbitrário, não há relação entre significado e significante, é simbólico e representativo, ou seja, coisas não se confundem com palavras.

Por outro lado, segundo Mikhail Bakhtin (CITELLI, 1995, p.26), os recursos retóricos que entram na organização de um texto não seriam meros recursos “formais”, jogos visando a “embelezar” a frase; ao contrário, o modo de dispor o signo, a escolha de um ou outro recurso linguístico, revelaria múltiplos comprometimentos de cunho ideológico.

Uma das preocupações do discurso persuasivo é o de provocar reações emocionais no receptor. Os signos são colocados como expressões de “uma verdade”, querem fazer-se passar por sinônimos de “toda verdade”. Nisso não é difícil compreender que o discurso persuasivo usa de recursos retóricos com a finalidade de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos.



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

Estabelecendo a “comunhão” com o leitor

Neste sentido, o discurso é o objeto de comunicação manipuladora entre o enunciador e enunciatário, e esses são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso.

O enunciador define-se como o destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer. A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente. Tanto a persuasão do enunciador quanto a interpretação do enunciatário se realizam no e pelo discurso. (BARROS,1990 p.62)

Há quatro classes de manipulação que podem ser utilizadas no percurso do destinador-manipulador: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação. A ordem na manipulação é de escolha do manipulador observado o seu manipulado, pode começar com sedução e acabar com a intimidação.

Segundo José Luiz Fiorin (2004, p.22-3), a tentação ocorre quando o manipulador oferece ao manipulado algo que o mesmo deseje com a condição de que faça o que lhe ordena; a intimidação é quando o manipulado é forçado pelo manipulador a cumprir sua ordem com o risco de sofrer uma consequência drástica caso decida não cumprir; na provocação, o manipulador desafia o manipulado fazendo com que o mesmo sinta a necessidade de superar seus limites e cumprir o ordenado; e, por fim, na sedução, o manipulador usa das qualidades do manipulado e dos sentimentos dele em relação a si para fazer com que o manipulado cumpra o que lhe é proposto.

A competência do manipulador, que é o sujeito do poder ou saber, é a responsável pelo sucesso sobre o manipulado; por sua vez, para se safar da manipulação, o manipulado recusa-se a participar do jogo do destinador, estabelecendo valores maiores do que o proposto.

Para executar a ação proposta pelo destinador, o destinatário/sujeito tem dois tipos de competências, as virtualizantes dever-fazer e querer/fazer e as atualizantes saber/fazer e poder/fazer que o qualificam para a ação.

Estabelecida a relação sujeito e valores almejados, a modalização veridictória é a parte da interpretação por parte do leitor que irá distinguir verdade ou não dentro da ação, e a modalização do ser que é querer, dever, poder e saber mostra a impossibilidade ou possibilidade da ação do sujeito.

A partir daí, o sujeito segue um percurso ocupando diferentes posições passionais: a cólera, a frustração, o amor ou a indiferença, passando de estado tensão e disforia para estados de relaxamento e euforia. Assim afirma Diana Barros todo discurso procura persuadir seu destinatário, se é verdadeiro ou falso, assim então os mecanismos discursivos têm a finalidade de criar a ilusão de verdade.

Os efeitos para convencimento são proximidade e distanciamento, e denomina-se ancoragem o recurso que dá o efeito de realidade, de fato verídico, de notícia verdadeira, pois traz ao receptor espaços, datas e pessoas que o mesmo identifica como reais.

Há dois aspectos principais na manipulação, o contrato imaginário-simulacro e os meios usados na persuasão e na interpretação, sendo assim o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso como sendo verdade, pois como já dito anteriormente o mesmo utiliza-se de recursos para tal convencimento, analisando a relatividade cultural, social e as crenças do enunciatário que vai interpretá-los e crer ou não neles. São os “meios utilizados para persuadir, recurso de implicitar ou de explicitar os conteúdos, a prática de certos atos linguísticos, os mecanismos de argumentação e de reformulação discursiva”. (BARROS,1990 , p.66)

A figuração é a responsável por esta produção de ilusão referencial; no nível sintático, cumprem este papel o paralelismo, que define-se como a repetição da mesma construção sintática em versos diferentes; a gradação, que é ascender de uma realidade para outra; a inversão, que é o deslocamento do início para o fim; a enumeração, que é a sequência de objetos ligados entre si e o encadeamento, que consiste na ligação sintática de dois versos diferentes.

As figuras de similaridade, responsáveis pela manutenção da ilusão referencial são: a comparação, que aproxima dois ou mais termos; a metáfora, que é o emprego de uma palavra por outra estabelecendo uma comparação entre elas tendo o conetivo “como” subentendido; a alegoria, que é a sequência de metáforas e a sinestesia, a combinação de sensações sensoriais como visão e olfato. Metonímia e sinédoque são as figuras de contiguidade; apesar de parecidas, são distintas, a metonímia é o emprego de um termo por outro e sinédoque é o emprego de uma parte por um todo.

Por fim, as figuras de oposição, antítese e ironia, também funcionam no sentido de que a primeira é a aproximação de ideias contrárias, a segunda se refere à uma construção que afirma o contrário do que se pensa ou se afirma algo ambigualmente.

O esquema básico do discurso persuasivo para obter o convencimento dos receptores é o uso de estereótipos, elementos que não permitem nenhum questionamento, por isso não podem ser questionados.

Para uso dos elementos de persuasão, existem dentro do discurso persuasivo três tipos de discursos: o lúdico, que é o que possui menor grau de persuasão, onde os signos, portanto, são mais abertos, devido a não necessidade de convencimento, proporciona sensações de descoberta e de encanto com uma verdade praticamente única e acabada; já o discurso polêmico é mais centrado e a relação entre os interlocutores é intensa, pois há um desejo de um sobressair ao outro argumentando, a fim de instigar a confirmação ou contestação da sua posição; o discurso autoritário é o grau extremo de persuasão, não há relação alguma entre interlocutores, apenas a voz da autoridade é ouvida, a dominação então acontece com grande poder, submetendo o ouvinte a sua posição.

Uma das formas discursivas mais persuasivas é o discurso autoritário religioso, pois nesse o eu enunciador é detentor de uma verdade inquestionável, pois a “voz” é de Deus por meio de seus representantes, os pastores e padres. Surge, então, um termo chamado “ilusão de reversibilidade”, pois em todos os outros discursos pode haver reversão, ou seja, o receptor pode interagir com o emissor, porém no discurso religioso isso não ocorre, pois o emissor em questão é Deus, sendo meros instrumentos. Dele os pastores e padres, mas ainda assim buscamos nos intermediários as dúvidas quanto ao falado.

Os recursos que acentuam a persuasão no discurso persuasivo são o uso do modo imperativo, a função emotiva, que coloca o problema no ser humano e a única salvação em Deus; o uso de metáforas; a presença de textos bíblicos como parábolas, e por fim o uso de estereótipos como “Oh, Senhor” e “nosso Senhor”.

Um período rico no jogo retórico, utilizando recursos como metáfora, antítese, hipérbole, ironia, paralelismo, raciocínios discursivos apodítecicos, implícitos e dialéticos, plurissignificação, entre outros é o Barroco, período de grande conflito íntimo do homem, e a literatura é um dos meios nos quais são expressos esses sentimentos. Os textos são diretos, ricos em detalhes e completamente impactantes.

Barroco - Um Período Rico Em Jogos Retóricos

O marco inicial do Barroco no Brasil é a publicação da obra *Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira. O Brasil do século XVII passava pelas transformações provocadas pela atividade açucareira e as invasões holandesas no nordeste.

As características predominantes da estética são o cultismo ou gongorismo, que é o jogo de palavras, o rebuscamento da forma, a obsessão pela linguagem culta, erudita, por meio de inversão da frase (hipérbato), do uso de palavras difíceis, de figuras de linguagem, especialmente a metáfora, a antítese e o hipérbato; e o conceptismo, aspecto voltado para o jogo das ideias e dos conceitos, a preocupação com as associações inesperadas, seguindo um raciocínio lógico, racionalista.

O rebuscamento da arte barroca é reflexo do dilema em que vivia o homem do seiscentismo (os anos de 1600). Daí as preferências por temas opostos: espírito e matéria, perdão e pecado, bem e mal, céu e inferno. Tudo isso gerava a preocupação com a brevidade da vida (*carpe diem*).

O homem, nesse período, encontra-se dividido entre o céu e a terra (inferno), um imenso conflito entre valores tradicionais introduzidos pela consciência medieval e pelos pregadores jesuítas diante dos valores progressistas, advindos do avanço do racionalismo burguês.

No que diz respeito à forma e o conteúdo, o maneirismo, isto é, o registro da incerteza das formas pela arte; o cultismo, construções obscuras e preciosísticas; o conceptismo, desenvolvimento conceitual das ideias por meio do domínio das palavras; barroquismo, construções rebuscadas e com preocupação decorativa, foram os estilos que predominaram.

Características constitutivas de um texto marcado pela presença da força da palavra, em que se destaca o escritor Gregorio de Matos, um poeta de personalidade, que não media suas palavras ao expressar seus sentimentos em relação à sociedade num todo.

Gregorio de Matos

Gregorio Matos Guerra nasceu em 20 de Dezembro de 1636, na cidade de Salvador, Bahia, que passava por dificuldades financeiras, sociais e políticas, vítima de constantes ataques holandeses em busca do açúcar, produto muito apreciado no mercado internacional. Aos quatorze anos, Gregorio de Matos vai para Lisboa e em 1661 se forma em Direito na Universidade de Coimbra. Casa-se duas vezes e morre em Recife em 1695.

Ficou conhecido como o poeta maldito, o “Boca do Inferno”, por se posicionar de maneira extremamente crítica, julgando e avaliando, formando juízos de valores acerca da sociedade contemporânea e das situações atribuladas que a envolviam. Fez jus a tal alcunha por sua ácida crítica à sociedade da época por meio de sua poesia satírica, que não poupava aristocratas, clero ou as mulheres. Não somente retratou a sociedade baiana com irreverência, mas também as paixões humanas e a religião, a natureza e a reflexão. A

versatilidade é uma característica que marca o autor e suas poesias são divididas em lírico-amorosas, sacras, reflexivas e satíricas.

Sua obra é marcada pelas posições pessoais, que se materializam no discurso através da argumentação. A crise espiritual entre as concepções medieval e renascentista, valores humanistas e carnais trazidos pelo renascimento e os valores espirituais da Contra-Reforma definem sua poesia. Poesia esta voltada para a realidade comercial brasileira, da exploração do açúcar e dos escravos.

Segundo Segismundo Spina (1995) a poesia lírica apresenta o signo da dualidade barroca, oscilando entre a atitude contemplativa, o amor elevado, à maneira dos sonetos de Camões, e a obscenidade, o carnalismo. É curioso que a postura platônica é dominante, quando o poeta se refere a mulheres brancas, de condição social superior, e a modo agressivo, o erotismo, quando o poeta se inspira nas mulheres de condição social inferior, especialmente as mulatas, reforçando a noção de pecado. Neste sentido, destaca-se já certa “tropicalidade”, a antecipação de certo “sentimento brasileiro”.

A lírica filosófica faz referência à desordem do mundo e às decepções do homem perante a realidade; são sonetos que têm por característica marcante o pessimismo.

Na poesia satírica, o “poeta maldito” é atemporal, e suas poesias são verdadeiros documentos sociológicos, que atacam de forma dura os portugueses que vieram ao Brasil com o único intuito de levar consigo as riquezas aqui presentes; também dirigiu duras críticas aos governantes corruptos, que administravam com incompetência os bens do povo; e os padres aproveitadores da sociedade baiana, as mulheres, os nobres, enfim a sociedade por inteiro foi alvo de suas sátiras.

Assim afirma Segismundo Spina(1995) a sátira de Gregório de Matos é um convite a uma reflexão sobre o Brasil atual, por isso ela conseguiu vencer seu próprio tempo, e hoje leva o leitor ao desejo de adquirir um senso crítico a fim de colaborar para a melhoria da sociedade num todo visando um futuro melhor.

As ideias de Deus e do pecado, ao mesmo tempo em que se opõem, na poesia de Gregorio, são complementares. Embora Deus detenha o poder da condenação da alma, está sempre disposto ao perdão, por sua misericórdia e bondade; daí deriva Sua maior glória.

Sendo Segismundo Spina(1995) a poesia sacra expressa a cosmovisão barroca: a insignificância do homem perante Deus, a consciência nítida do pecado e a busca do perdão. Ao lado de momentos de verdadeiro arrependimento, muitas vezes o tema religioso é utilizado como simples pretexto para o exercício poético, desenvolvendo engenhosos jogos de imagens e conceitos.

Na lírica religiosa, os poemas de Gregorio de Matos são repletos de antíteses, inversões e metáforas, marcados por violentas e tensas lutas entre a religiosidade e o erotismo, a culpa e o perdão.

Segundo Jose Miguel Wisnik (1992, p.18) aos olhos de Deus, de si mesmo e dos outros, a poesia aparece como única possibilidade de salvação, na mesma proporção em que essa possibilidade aparece a um naufrago que nada. E esse anseio resulta em ricos e sábios poemas religiosos.

É o que se pode perceber nos versos a seguir:

BUSCANDO A CRISTO

- 1 A vós correndo vou, braços sagrados,
- 2 Nessa cruz sacrossanta descobertos,
- 3 Que, para receber-me, estais abertos,
- 4 E, por não castigar-me, estais cravados.
- 5 A vós, divinos olhos, eclipsados
- 6 De tanto sangue e lágrimas abertos,
- 7 Pois, para perdoar-me, estais despertos,
- 8 E, por não condenar-me, estais fechados.

- 9 A vós, pregados pés, por não deixar-me,

10 A vós, sangue vertido, para ungir-me,

11 A vós, cabeça baixa p 'ra chamar-me.

12 A vós, lado patente, quero unir-me,

13 A vós, cravos preciosos, quero atar-me,

14 Para ficar unido, atado e firme.

Nota-se no poema o uso do recurso de metonímia, em que cada parte do corpo, remete ao corpo por inteiro, o anseio por Deus como única saída para o homem pecador, e acima de tudo a confusão interna do homem desse período, que se encontra perdido, em meio aos seus desejos e o seu Deus.

A culpa e o apelo pelo perdão “**A vós correndo vou, braços sagrados**” caminham lado a lado com a dualidade de sentimentos, e posições, e o desejo intenso de socorro. Figuras como a metonímia, o braço no trecho anterior, representa o corpo num todo.

A Busca Pela “Comunhão” Com O Destinatário De Seus Textos- Persuasão Nos Poemas Religiosos De Gregorio De Matos

Segundo ADILSON CITELLI(1995, p.6), “o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo”. Partindo dessa afirmação, nota-se que não existe texto inocente, porém a análise persuasiva dos poemas religiosos traz consigo a ousada maneira com que Gregório tenta persuadir a Deus, ao clero, e aos religiosos.

Inusitado, porém genial, como afirma CITELLI(1995, p.48) “não deixa de ser uma situação curiosa estar diante da mais visível forma de persuasão e do mais invisível “eu” persuasivo!” É o que se pode notar no verso do poeta sobre a fragilidade humana:

Quem do mundo a mortal loucura..... .cura

A vontade de Deus sagrada..... agrada,
Firma-lhe a vida em atadura..... dura.

O eu-lirico dá voz a Deus, e este é possuidor de vontade própria, vontade esta que muito agrada, o invisível toma vida no poema aconselhando, e portanto persuadindo.

Para obtenção da análise da persuasão nos poemas, seguem cinco poemas religiosos de Gregório de Matos:

A N. SENHOR JESUS CRISTO COM ATOS DE ARREPENDIDO E SUSPIROS DE AMOR

Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,
Vaidade, que todo me há vencido,
Vencido quero ver-me e arrependido,
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,
De coração vos busco, dai-me os braços,
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro que mostra a salvação,
A salvação pretendo em tais abraços,
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!

No poema acima, o homem é apresentado em uma situação limite, encurralado entre seus anseios e o medo das consequências da concretização do pecado já existente em sua mente. Marca do sentimento barroco, já no primeiro verso do soneto há a presença da dualidade carne/espírito e o sentimento de culpa **“Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade”**, a consciência da negligência, o pecado confesso.

A angústia **“É verdade, Senhor, que hei delinqüido,”** consequência do desejo de pecado versus culpa pelo mesmo, a repetição da palavra “verdade”, é resultado da gradação que, ao longo no soneto, é um recurso utilizado pelo eu-lírico manipulador com o intuito de tocar no emocional do manipulado (Deus).

Confusão, o medo das trevas, mesmo com imenso desejo de conhecê-la faz do homem nesse período, um ser atormentado **“Delinqüido vos tenho, e ofendido,”** que, entretanto, através da confissão, pretende despertar no manipulado a misericórdia, diante do “arrependimento” sentido pelo “ingênuo”.

Remorso, **“Ofendido vos tem minha maldade”** é o que lhe tem a oferecer o pecador, a substituição do termo pecado por maldade, denomina-se metonímia, e é com esse recurso que o eu-lírico manipulador pretende demonstrar ao manipulado o anseio pelo bem, após andar em caminhos maus, caminhos estes que o levaram à situação presente de intenso arrependimento.

Do exórdio então passa-se à narração, no verso **“Vaidade, que todo me há vencido”**. A posição passional do eu-lírico manipulador, nesse momento, é de frustração diante da sua postura como ser humano, e ele então começa a dar nomes a esses sentimentos que tanto o maltratam “Vaidade”: a luta não é contra outros, mas contra ele mesmo.

Ainda em confissão, declara **“Vencido quero ver-me e arrependido”**; nesse estágio, o manipulador começa a dar indícios de qual é o valor almejado por ele, todo arrependimento até aqui citado, é a forma que o manipulador utiliza para declarar-se apto para recebê-lo, o perdão.

Valendo-se de construções hiperbólicas **“Arrependido a tanta enormidade”**, o cultismo, elemento de persuasão, que é o jogo de palavras que leva para uma única compreensão, justificar suas faltas, encaminham-se para uma única “verdade”, reiterada pela repetição de versos, que dão a sensação de ancoragem, ou seja, de que realmente é verdade todo arrependimento sentido.

A humilhação perante o manipulado **“Arrependido estou de coração”** se constrói por meio da metonímia que, nesse verso, se encerra na palavra “coração”, em referência a uma parte do ser humano que,

responsável pelo abrigo de todos os sentimentos, representa o arrependimento que acomete o ser humano como um todo.

O valor almejado então é declarado pelo manipulador **“De coração vos busco, dai-me os braços”** e a persuasão então atinge o ponto crucial, e o contrato imaginário-simulacro é estabelecido. O manipulador determina como o manipulado deve interpretar o discurso. O objeto-valor se torna claro, **“Abraços, que me rendem vossa luz”**, o jogo persuasivo até aqui estabelecido, toda a justificativa pelas falhas desemboca no anseio pelo qual toda manipulação fora criada que é a salvação, o termo “luz” tem a função de sinestesia e tem o objetivo de tornar claro ao manipulado a imensidão da necessidade do manipulado, este que se encontra na escuridão ansiando a luz.

O raciocínio retórico torna-se nítido nesse verso, raciocínio este que se caracteriza por provocar um grande envolvimento junto à mente e ao coração do receptor. A sinestesia é reforçada, como já dito acima, **“Abraços, que me rendem vossa luz”** como se para sua escuridão a única saída são os braços do Salvador, ou seja, a sua acolhida, o seu acalento, as sensações valorizadas são visuais e tácteis.

O desejo pelo perdão **“dai-me os braços”** se encerra na imagem dos braços, que, metaforicamente, representam o objeto-valor que é a salvação, como lugar de refrigério, toque, e cura.

A manipulação se dá pela sedução, pois o eu-lírico manipulador exalta as qualidades do manipulado **“Luz, que claro que mostra a salvação”** a fim de alcançar o objeto-valor que tanto deseja, a única saída para escuridão que o manipulador encontra são os “braços” do manipulado, manipulado este que possui competências atualizantes de saber-fazer e poder-fazer, pois possui a “luz”o que o qualifica para entregar ao manipulado o que o mesmo anseia.

A competência de saber-fazer e poder-fazer do manipulado **“Luz, que claro que mostra a salvação”** o tornam apto a “entregar” o objeto-valor ao manipulador. O manipulador possui também competências virtualizantes, querer-fazer, que o qualificam para receber o objeto-valor, já que se mostra **“Arrependido estou de coração”**.

A retomada do termo “abraços”, no verso final, **“A salvação pretendo em tais abraços”**, traz a peroração, concluindo o discurso retórico persuasivo existente no soneto.

O Conceptismo se mantém do início ao fim do soneto e a palavra que termina o último verso é a mesma que começa o primeiro, “arrependido”, “**Vaidade, que todo me há vencido, Vencido quero ver-me e arrepido**”.

Um jogo de justificativas que remete à ideia de um jogo sem volta, como se o manipulador não fosse responsável, mas sim que foi envolto numa trama onde não há saída a não ser sofrer as consequências uma a uma, acompanha todo o poema, que finaliza com o desejo de perdão, arrependido, do manipulado.

A ilusão referencial existente no soneto é a gradação, o eu-lírico ascende de pecador confesso “**Ofendi-vos**” para pecador arrependido “**Misericórdia, amor, Jesus, Jesus!**”, antes indigno e agora digno de receber o objeto-valor, a salvação, devido às competências do manipulado, Deus, e à qualificação do manipulador para receber o seu anseio, o arrependimento.

Portanto, ao longo do soneto, nota-se, através do uso de recursos retóricos persuasivos e características do barroco, o interesse do manipulador em comover de forma ousada, camuflada como ingênuo, a Deus. Para isso, não impõe limites para sua ousadia, deixando clara a marca do autor que é acidez na fala.

À PERFEIÇÃO DO SANTO EXERCÍCIO DA VIA SACRA, FEITO COM BOA DEVOÇÃO

Via de perfeição é a sacra via,
Via do céu, caminho da verdade:
Mas ir ao céu com tal publicidade,
Mas que à virtude o boto à hipocrisia.

O ódio é dalma infame companhia,
A paz deixou-a Deus à cristandade:
Mas arrastar por força uma vontade,
Em vez de perfeição é tirania.

O dar pregões do púlpito é indecência:
“*Que de fulano?*” “*Venha aqui sicrano*”,

Porque pecado e pecador se veja,

*É próprio de um porteiro d'audiência,
E se nisto maldigo, ou mal me engano,
Eu me submeto à Santa Madre Igreja.*

No poema acima, através da devoção de um beato fiel **“Via de perfeição é a sacra via”**, é que o eu-lírico manipulador inicia seu percurso persuasivo, com uma afirmação que exalta o tamanho de sua devoção e respeito pelo ato da via sacra, este praticado pelos cristãos de sua época, sendo ele um desses fiéis que prestigiam e perpetuam esse ritual.

Direção que conduz ao êxito **“Via do céu, caminho da verdade”**, o termo céu está metaforicamente representando lugar seguro, próximo de Deus, o manipulador entende a via sacra como advertência de Deus e sendo assim anula todas as outras opções de percurso tornando apenas o de Cristo o correto.

A ironia então assume seu papel **“Mas ir ao céu com tal publicidade,”** então o exórdio torna clara a ideia que será levantada durante a manipulação, a revolta diante da postura dos participantes da via sacra, que faz com que o eu-lírico manipulador comece uma sequência de indagações, o que remete ao raciocínio dialético.

A revolta do manipulador diante da hipocrisia o faz ir além e dessa vez, de fato alfinetando com palavras duras, de uma alma aflita **“Mas que à virtude o boto à hipocrisia”**. O respeito pelo ato é mantido, porém, o sentimento que o perturba é colocado para fora, acusando nesse momento o manipulado das injustiças praticadas por ele **“Mas ir ao céu com tal publicidade,”** tornar o sagrado, objeto de exibicionismo e ou seja, medíocre.

O arrependimento, com intuito de livrar-se da culpa de sentir o mal, mal esse que ele critica **“O ódio é dalma infame compania”** é um estado de tensão que, antes apresentado como euforia, dá lugar a disforia, confusão está que em seu interior pulsa, mas o medo de se comparar ao manipulado o faz rever seus conceitos, e a alternativa para essa fuga é generalizar, coloca-se como parte dum todo.

Tendo em vista o estado de disforia em busca de auto controle “**A paz deixou-a Deus à cristandade**” o eu-lirico manipulador define como seu objeto-valor a paz, paz esta que o mesmo entende que só em Deus irá alcançar “**Via do céu, caminho da verdade**”.

Uma situação surge como empecilho para alcance do tão ansiado objeto-valor “**Mas arrastar por força uma vontade**”; a brutalidade da forma como parecer ser oferecido o objeto –valor, que deveria revelar sensações de alívio ao invés de opressão, o leva novamente ao estado de tensão disfórico, a revolta volta.

A ofensa se repete “**Em vez de perfeição é tirania**” e o contrato imaginário-simulacro é então determinado pelo eu-lírico manipulador, e cabe ao manipulado a função de apenas interpretar conforme já estabelecido.

Através da exposição do manipulado “**O dar pregões de púlpito é indecência: “Que de fulano?” “Venha aqui sicrano**” a partir das acusações, a manipulação se torna evidente e é provocação, o manipulador procura por meio de uma gradação, com alegações como no verso citado acima, persuadir o manipulado para que o mesmo utilize a autoridade que possui “dar pregões” para fazer o bem, e não de forma cruel humilhar e constranger os fiéis.

Expondo o constrangimento “**Porque pecado e pecador se veja**” pelo qual o manipulador se vê envolvido, apoiado no cultismo presente nesse verso, o eu-lírico constrói o efeito de ancoragem, tornando ainda mais real o soneto, e por conseguinte, a sucessão de acusações antes iniciada. O verbo no modo imperativo “veja” traz a sensação sensorial de exposição, de olfato e visão, ou seja, sinestésica.

A conclusão “**É próprio de um porteiro d’audiência**” evidencia ainda mais a crítica; nesse momento, a metáfora do clero, sendo representado por “porteiro d’audiência”, aquele que seleciona, julga, torna o soneto ainda mais ousado em sua composição, a gradação de acusações atinge o auge, e o manipulado é por fim, desqualificado em competências, pois as possuía “**A paz deixou-a Deus à cristandade:**” sendo parte da “cristandade”, o que o torna competente do saber-fazer e poder-fazer, porém as utilizou de forma errônea, permitindo ser investigado e envergonhado pelo manipulador, este que possui as competências virtualizantes dever-fazer e querer-fazer “**E, se nisto maldigo, ou mal me engano**”.

As competências atualizantes de saber-fazer e poder-fazer “**Eu me submeto à Santa Madre Igreja**” do manipulador passam a ser recurso de ilusão de reversibilidade, para se safar de todas as provocações feitas, e pela “submissão” a fim de alcançar o objeto-valor.

A manipulação se dá por provocação, pois o manipulador desafia o manipulado acusando-o de diversas iniquidades, especialmente por meio da antítese **“O dar pregões do púlpito é indecência”** no sentido de ideias contrárias como “pregar”, algo genuinamente “bom” ao lado de “indecências”, exposições cruéis **“Que de fulano?”** **“Venha aqui sicrano”**. A escolha de tais palavras demonstra claramente a intenção de intensificar a culpa por parte do clero **“Mas arrastar por força uma vontade”**, para conquistar a aprovação por parte do receptor, confirmando assim a provocação, satiriza a atuação do clero e o culpa pela falta de reverência em um momento sagrado.

Há também outro recurso persuasivo no caso a metáfora em **“Em vez de perfeição é tirania”** no segundo verso, fica claro a intenção do eu-lirico manipulador com o uso do termo “tirania”, intimidar o clero sendo ele o Tirano, que oprime e abusa do poder que lhe foi concedido.

O uso do estereótipo **“Santa Madre Igreja”** no último verso, como inquestionável, desponta de forma irônica, pois ele diz submeter-se a ela, porém só depois de três versos criticando assiduamente a igreja **“Eu me submeto...”**

Observa-se um cultismo rico com combinações que se intercalam rimando as iniciais e finais e as do meio, **“sacra via/ hipocrisia”** **“verdade/publicidade”**.

Por fim, lembra que até mesmo Jesus não acusou, nem repreendeu os pecadores, mas sim ensinou a lição de que o pecado é algo que não se mede, não importa qual seja; nesse soneto fica claro essa posição do eu-lírico, que se mostra completamente contra a postura errada da igreja mesmo sendo submisso a ela, pois se revolta diante de um momento tão verdadeiro como a via sacra que se torna palco de acusações.

NO SERMÃO QUE PREGOU NA MADRE DE DEUS D.JOÃO FRANCO DE OLIVEIRA PONDERA O POETA A FRAGILIDADE HUMANA

Na oração, que desaterra..... a terra,
Quer Deus que a quem está o cuidado..... dado
Pregue que a vida é emprestado.....estado
Mistérios mil, que desenterra..... enterra.

Quem não cuida de si, que é terra,.....erra
Que o alto Rei, por afamado..... amado
É quem lhe assiste ao desvelado..... lado,
Da morte ao ar não desferra, aferra.

Quem do mundo a mortal loucura..... .cura
A vontade de Deus sagrada..... agrada,
Firma-lhe a vida em atadura..... dura.

Ó voz zelosa, que dobrada..... brada,
Já sei que a flor da formosura, usura,
Será no fim desta jornada..... nada.

No soneto acima, o desejo íntimo é revelado em gemido “**Na oração, que desaterra...a terra,**” o eu-lírico manipulador, ansiando por respostas, busca sanar sua aflição, e então o mesmo é metaforicamente representado pelo termo “terra”, alusão referencial ao texto de Gênesis 2:7 “Então, do pó da terra, o Senhor formou o ser humano...”, texto este sobre a criação da terra, em suma o homem.

O criador ordena “**Quer Deus que a quem está o cuidado...dado**”, o anseio celestial é revelado, e atribuído a alguém, o zelo pela criação é dado ao mordomo, para que cuide do bem precioso de seu Senhor, tarefa de honra e grande responsabilidade, o manipulador toma a voz de criatura, e nessa posição busca por tal zelo.

Segredo para a plenitude “**Pregue que a vida é emprestado...estado**”, no exórdio então é estabelecido o contrato imaginário-simulacro, onde o eu-lírico manipulador expõe sua indignação ao manipulado, exigindo do mesmo a reversão do quadro, pois sendo o manipulado possuidor de competências atualizantes poder-fazer “**a quem está o cuidado...dado**” saber-fazer “**Pregue que a vida é emprestado...estado**”, o manipulado tinha em mãos o aval do seu Senhor, e a qualidade de pregador.

Ausência que remete à dor “**Mistérios mil, que desenterra...enterra**”; o valor almejado entra em cena, a fragilidade da vida, a escolha do termo “enterra” dá a sensação de choque e assombro, retomando a

ideia já dita anteriormente, do homem como pó, e sendo pó voltar ao pó, desfalecendo, por não conhecer os “mistérios” que o levaram a agir fora do que lhe acrescentaria sabedoria e por conseguinte anos de vida, o choque que o termo utilizado “desenterra”, “enterra” provoca a sensação de ancoragem.

O alerta **“Quem não cuida de si, que é terra...erra”**, estado passional de disforia, a metáfora retomada de homem como terra, e a consequência do não zelo por parte do manipulado, resulta na acusação em forma de alerta por parte do manipulador, que com esse jogo de perguntas e respostas subentendidas, a cada fala oprime e julga ainda mais a atitude de desleixo por parte do manipulado em relação à função a ele determinada, remetendo ao raciocínio dialético, diante da sequência de hipóteses.

O olhar atento do Altíssimo **“Que o alto Rei, por afamado...amado”**, estado passional de euforia, diante da realeza celestial, o manipulador usa da intimidação, fazendo com que o manipulado sintam-se ameaçado, diante de um possível julgamento de tão célebre figura como o “Rei”. Com isso consegue também, através do uso do termo “amado”, a sinestesia, provocando sensações tácteis e visuais.

Rei Digno **“É quem lhe assiste ao desvelado...lado”** reforça a ameaça acima citada, o manipulador confirma que sob os olhos de julgamento estão os atos de incompetência e infidelidade do manipulado, o clero.

Apontando o risco de tal atitude **“Da morte ao ar não desaferra...aferra”** a intimidação atinge o nível máximo, trazendo no início do verso o termo “morte” metaforicamente representando o fim, e o “ar” representando a vida, a ameaça de que a culpa da morte de muitos é por falta de atitudes do manipulado, o que confirma ainda mais a intimidação sofrida pelo manipulado.

À angústia **“Quem do mundo a mortal loucura...cura”** diante da realidade vivida “loucura”, a solução não está no “mundo”, mesmo sendo parte disso designada por Deus **“que a quem está o cuidado...dado”**, mas é responsabilidade do manipulado a “cura”.

A saída é apontada **“A vontade de Deus sagrada...agrada”** ingenuamente ao manipulado, fazer a vontade de Deus, conforme lhe foi ordenado; o jogo de rimas presente no verso traz à tona a ilusão de reversibilidade, e Deus, na posição de doador de autoridade e poder no caso, está posicionado para atender o manipulado em seus clamores.

O pacto **“Firma-lhe a vida em atadura...dura”** confirma a sugestão citada acima, os termos “atadura” e “dura” fazem parte da alegoria presente no soneto, e nessa parte representa em sequência obedecer

para permanecer, com intuito de esclarecer ao manipulado que a escolha por não fazer a sua mas a vontade de Deus é o melhor, não só para ele, mas para todos.

Por meio do clamor “**Ó voz zelosa, que dobrada...brada**”, o eu-lírico agrega sinestesia, remetendo a sensações de olfato e visão, que nesse momento trazem a ideia de ancoragem ao soneto.

Consciente, o eu-lírico “**Já sei que a flor de formosura...usura**” revela que a vida, metaforicamente representada por “flor e beleza”, por formosura, cobra um preço alto, “usura”.

A inconstância das coisas terrenas “**Será no fim dessa jornada...nada**” aponta para um estado de disforia no manipulador, fechando incrivelmente o soneto; não se comprometendo com a mudança solicitada no decorrer do soneto, isto contribui para reforçar a culpa por parte do manipulado, fazendo com que este sinta o efeito de sua inércia, “jornada” vem por fim da alegoria como representação final de vida.

Em suma, o soneto traz a reflexão sobre a inconstância do homem, diante de sua tamanha fragilidade, fazendo com que se repense sobre o modo que vive diante de algo tão valioso, porém passageiro e determinado somente por Deus “**A vontade de Deus sagrada...agrada**”. Daí a necessidade de se revalorizar as atitudes a serem tomadas pois a vida é somente uma passagem, “**Pregue que a vida é emprestado...estado**”, e não há espaço para uma segunda chance.

Em tais condições, o eu-lírico, vendo as qualidades do manipulado clero, em saber/fazer e poder/fazer, por meio da persuasão o alerta quanto à importância e cuidado com a vida; e o manipulado, diante da proposta oferecida pelo manipulador, mantém-se no estado de reflexão diante dos questionamentos então levantados.

BUSCANDO A CRISTO

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa p'ra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

No soneto acima, rico em teor persuasivo, pode-se identificar a manipulação por sedução, o eu-lírico manipulador exalta as qualidades de Cristo como “**cabeça baixa**”, metáfora para humildade, “**divinos olhos**”, metáfora para caminho perfeito. Com isso, as competências atualizantes saber/fazer e poder/fazer do manipulado ficam claras, cabendo ao mesmo executá-las para que então se possa alcançar o sagrado alvo, que é a salvação.

O objeto-valor salvação, o socorro, desejado pelo eu-lírico manipulador, vem travestido de sinédoque em “**para ungir-me**”, pois o sangue é derramado em favor de todos, não somente do eu-lírico; que, com isso, consegue a comoção do receptor e nesse sentido também se dá a ancoragem.

Um outro recurso presente no poema é a substituição de nomes em “**braços sagrados**” ao invés de Cristo, que influencia positivamente a compreensão e o raciocínio que, no caso, é implícito.

O eu-lírico coloca-se como único culpado da cruz, e adquire, desta forma, o direito exclusivo da salvação “**A vós, pregados pés, por não deixar-me**”; o cultismo é que dá o ritmo envolvente ao poema, deixando o receptor atento a todos os detalhes “**Nessa cruz sacrossanta descobertos**”. Há também a recorrência à antítese em “**A vós, cravos preciosos, quero atar-me**”, exaltando um sofrimento valioso, uma dor rara que o torna apto para receber a salvação. Tão importante como os demais elementos, a sinestesia em “**sangue e lágrimas**” traz sensações visuais e emocionais, que comovem o leitor, emoções objetivadas pelo manipulador, que, diante da gravidade de sua situação, apela para o emocional do manipulado.

A comparação entre a fragilidade humana e a fortaleza divina de Jesus, representados pelo culpado e pelo salvador “**A vós, divinos olhos, eclipsados**”, intensifica a imensa dor, que um pequeno pecador não suportaria, sem conforto divino.

O conceptismo, marca do barroco, também pode ser notado nesse poema “**E, por não castigar-me, estais cravados**”; a gradação, juntamente com a sinestesia dão exatamente o ritmo da dor passada por Jesus em favor da humanidade, “**abertos, cravados, eclipsados, abertos, despertados, fechados**” levando então a consumação do maior gesto de amor que a humanidade presenciou.

PEQUEI, SENHOR...

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
de vossa alta clemência me despido;
porque quanto mais tenho delinqüido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
a abrandar-vos sobeja um só gemido:
que a mesma culpa, que vos há ofendido,
vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma orelha perdida e já cobrada,
glória tal e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na sacra história,

eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,

cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
perder na vossa ovelha a vossa glória.

Através do aparente inocente **“Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,”** o eu-lírico manipulador inicia seu percurso com tensão passional de euforia, buscando diante do ato cometido um culpado para sua transgressão; safar-se da condenação é seu alvo inicial, por isso no primeiro verso do exórdio, o manipulador, antes de mais falas, se esquia de uma maneira ousada, como se o erro praticado fora sem seu consentimento, estando acima de sua vontade ou intenção presumida.

Segue a justificativa **“de vossa alta clemência me despido”**, o que exalta as competências virtualizantes do querer-fazer ou poder-fazer, ou seja a bondade “clemência” do manipulado, o que faz com que o manipulador, no plano de significado, não queria se ver livre, mesmo na posição de pecador.

A confissão **“porque quanto mais tenho delinqüido”**, apoiada na natural fraqueza humana, reforça a necessidade de absolvição por parte do manipulado. O ato maior **“vos tenho a perdoar mais empenhado”** é o contrato imaginário-simulacro estabelecido, logo no fechamento do exórdio. Cabe, portanto, ao manipulado, diante de suas qualidades muito exaltadas anteriormente e das fraquezas próprias da humanidade, “perdoar”, competência atualizante do poder-fazer, já que é misericordioso, oferecendo ao manipulador o valor almejado do perdão; este, por sua vez, se encontra qualificado para receber este objeto-valor, pois é réu confesso, não culpado, mas coagido.

A audácia utilizada no trecho **“Se basta a vos irar tanto um pecado”** funciona como provocação, pois sendo o manipulado possuidor de competências virtualizantes do querer-fazer bondade, não iria se contradizer por um pecado, um simples pecado, na visão do manipulador.

Apoiando-se no jogo de conceitos da necessária culpa para efetiva materialização do perdão, o eu-lírico constrói o trecho **“que a mesma culpa, que vos há ofendido,”** de modo que a ofensa submetida ao manipulado é de extrema validade, haja vista que, somente assim, possibilita a prática da misericórdia, o que reforça o efeito de ancoragem do texto.

Supervalorizando a validade do pecador, para efeito de aplicação da misericórdia, o eu-lírico legitima sua culpa em honra de seu perdão **“vos tem para o perdão lisonjeado”**. Neste sentido, o manipulado, segundo

o manipulador, sente honra, orgulho ao perdoar, característica esta de alta nobreza, infinitamente superior à racionalidade humana, remetendo a um raciocínio retórico, diante do grande envolvimento emocional provocado pelo soneto.

A singela ovelha “**Se uma ovelha perdida e já cobrada**” faz alusão ao texto bíblico da parábola da ovelha perdida, em que uma única ovelha não deve ser desgarrada, ainda em meio a todo o rebanho; o manipulado, desta forma, não abre mão de suas ovelhas, os homens, metaforicamente representados por esse animal, que também opera como sinédoque de toda humanidade.

Por meio da conquista “**glória tal e prazer tão repentino**” com o retorno da ovelha perdida, o estado passional do manipulado passa de desfórico, para eufórico, diante da conquista de um bem valioso como tal.

A provocação por parte do manipulador se dá pela ameaça latente de se perder todo o rebanho por conta de uma ovelha desgarrada, “**cobrai-a, e não queirais, pastor divino**” “**perder na vossa ovelha a vossa glória**”.

Considerações Finais

A literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder, o ser humano parte sempre, e todas as suas ações o dirigem para tal caminho, em busca da liberdade. Só resta, pois, ao homem, a fuga da linguagem por meio de uma trapaça lingüística utilizando-se da própria língua, a literatura.

A linguagem literária não obedece a qualquer regra estrutural fixa. O autor, que se utiliza dessa linguagem, não é obrigado a emoldurar seus pensamentos nas estruturas lingüísticas; ele é livre para escolher e criar uma estrutura própria, que proporcione a ele uma clara expressão de seus sentimentos e idéias.

Se, como se viu, a literatura promove no homem o desenvolvimento de sua intelectualidade, proporcionando-lhe um equilíbrio moral e psicológico, bem como uma maior integração com a realidade que



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

o cerca, seja a que ele vivencie diretamente ou não, a literatura deve, então, ser enquadrada dentro da categoria dos bens incompressíveis.

Por outro lado, a literatura só exercerá plenamente todas as suas funções, se a ela for concedida a importância que lhe cabe, bem como um esforço de interpretação e compreensão de seu significado mais correto. Essa interpretação e compreensão resulta de uma ação a qual estamos todos efetuando no dia-a-dia, desde a mais tenra idade: a prática da leitura.

Sendo assim, a compreensão da linguagem literária é de suma importância para a formação de cidadãos críticos, e a prática de leitura é instrumento positivo em favor de uma sociedade mais justa e habitável. A persuasão então é um recurso de suma importância para o conhecimento, pois através da compreensão consegue-se identificar no discurso o tipo de manipulação existente podendo então se safar ou ir de encontro com o anseio do manipulador.

Persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada ideia. Persuadir é um elemento digno de uma mente sábia, que avalia, reflete, para que sua proposta não seja rejeitada e sim compartilhada, sendo ela boa ou ruim ao ser que se tenta persuadir.

A maneira como dispõe do percurso persuasivo é de extrema riqueza e genialidade, efetivando-se ora pela intimidação, ora pela sedução, ora pela provocação ora ainda pela tentação.

Ler Gregório de Matos, é assim embarcar no astúcia, na envolvente realidade apresentada com duras críticas que ninguém ousou antes declarar, conhecido como “boca do Inferno”, a devido a sua assídua crítica à sociedade de seu tempo em geral, mas cuja atualidade resiste ao tempo. Neste sentido, o contato com a sua poesia permite descortinar a realidade.

Especialmente em seus poemas religiosos, o poeta, através do uso de figuras de linguagem e da persuasão, leva à reflexão questões como o uso indevido da Palavra sagrada, a mesma da qual ele se utiliza, manipula, e, por meio da qual, persuade.

A proposta desse trabalho, portanto, foi destacar o uso da persuasão contida em alguns poemas religiosos de Gregório de Matos; embora concientes que ela se manifesta também em sua poesia satírica, lírica e mesmo filosófica.

O valor almejado dos poemas em questão quase sempre é o perdão e a salvação, o que o faz diante do desespero, intimidar, seduzir, tentar e provocar sem qualquer limite em argumentos lançados, desde que se alcance o desejado.

Entre os manipulados em sua poesia sacra estão o clero, os religiosos e o próprio Deus, demonstrando então sua extrema ousadia, e sábia utilização do recurso de persuasão em seu favor, o que o torna um exímio persuasor.

Necessário se faz, portanto, afirmar que o referido estudo não ambiciona esgotar o assunto, mas tão somente despertar interesses e suscitar discussões de pessoas que se identificam com o tema, a fim de que possam gerar, num futuro próximo, novos estudos voltados para análise crítica do uso da persuasão em textos poéticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 1 ed. São Paulo: Ática, 1990.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1995.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará – PROED, 1987.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária: poesia**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1995.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. 1 ed. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

WISNIK, José Miguel. **Poemas Escolhidos: Gregório de Matos**. São Paulo: Cultrix, 1992.

SPINA, Segismundo. **A Poesia de Gregório de Matos**. São Paulo: EDUSP, 1995.